

**“Dizer pra mim que eu gosto mais de mim”:  
A reinvenção do corpo lésbico negro nos videoclipes de samba<sup>1</sup>**

Layla PENA<sup>2</sup>

Thiago SOARES<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

**RESUMO** Este artigo propõe-se a refletir sobre a performance dos corpos lésbicos pretos das sambistas Leci Brandão, Mart'nália e Ludmilla nos videoclipes. Entende-se que os videoclipes são ambientes midiáticos de resistência e negociação com as imagens de controle (Collins, 2019) e que os estudos de feminismo negro debatem o amor preto em seus papéis político e midiático (hooks, 2021). Adota-se uma metodologia de análise constelacional de videoclipes (Soares e Almeida, 2023) para pensar que a reinvenção do corpo negro lésbico se dá de forma paradoxal, avançando em agendas de representatividade mas mantendo um certo voyeurismo patriarcal na espetatorialidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** videoclipe; samba; lésbica; feminismo negro; indústria fonográfica.

### **Introdução**

Culturalmente, o samba está diretamente ligado a momentos históricos e políticos do Brasil, fazendo parte do processo de formação da identidade nacional e desempenhando um papel de demarcação identitária e cultural do que é reconhecido como música brasileira, além de ser uma ferramenta de demarcação de raça e território (Trotta, 2007). Resultado da fusão da música e do audiovisual, o videoclipe é não só uma expressão artística e mercadológica como também um objeto de estudo para análise de performances em contextos audiovisuais (Soares, 2013). É portanto importante analisar videoclipes de samba, bem como propor um debate sobre como são elaborados as canções e os videoclipes nesse gênero musical buscando entender como os corpos e relações lésbicas pretas são encenados na indústria fonográfica.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Audiovisualidades Negras, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); email: [layla.poliveira@ufpe.br](mailto:layla.poliveira@ufpe.br)

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Comunicação Social (Decom) e do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Bolsista Produtividade em Pesquisa nível 2 do CNP1; email: [thiago.soares@ufpe.br](mailto:thiago.soares@ufpe.br)

Ao fazermos um recorte de gênero, o corpo preto lésbico aparece, historicamente, no contexto do samba e ganha notoriedade no contemporâneo. Em alguns momentos, subentendido nos enlaces entre vida e obra de artistas, em outros de forma mais clara e assumida, tanto em canções quanto nas encenações de videoclipes. Dessa forma, debater as encenações em torno da mulher preta lésbica nessas produções emerge como um tópico crucial de discussão a fim de criar um espaço onde ocorra não só a representação da lesbianidade e da cultura preta como também a representatividade efetiva desses corpos.

O estudo, que é parte da pesquisa monográfica para graduação em Cinema e Audiovisual, propõe-se a analisar os videoclipes de *Essa Tal Criatura*, da cantora Leci Brandão, (1990)<sup>4</sup>, *Cabide-Ao Vivo*, de Mart'nália (2014)<sup>5</sup> e *Maldivas*, de Ludmilla - (2022)<sup>6</sup> desenvolvendo a hipótese de que haveria uma reinvenção do corpo preto lésbico no contexto do videoclipe e mais amplamente da música pop. Do ponto de vista teórico, recorre-se às discussões em torno de gênero musical (samba) com interface de raça e sexualidade, que permeiam estas artistas e interferem diretamente em sua obra e performance.

Ao observarmos como as artistas lésbicas ocupam espaços de visibilidade e protagonismo, recorre-se às agendas do feminismo negro em debate sobre imagem e representação para debater o videoclipe como lugar de resistência e negociação às imagens de controle (Hill Collins, 2019) em suas expressões artísticas e potência de suas performances. Neste cenário, além de pensar metodologias de análise estéticas e visuais que cabem ao videoclipe, explora-se estratégias discursivas e de performance utilizadas pelas artistas para subverter imposições sobre seus corpos e identidades (hooks, 2021) considerando o feminismo negro, e a forma de amar de mulheres lésbicas pretas para entender as dinâmicas de poder na construção das representações midiáticas dessas artistas que se revelam como ferramentas poderosas para desafiar os padrões normativos.

---

<sup>4</sup> Videoclipe: Leci Brandão em performance ao vivo, Clube do Bolinha (1990). Em: <<https://youtu.be/asHJmOp2B1w?si=vulhiOmhpSkgfTc7>> Acesso em: 27/03/2024.

<sup>5</sup> Videoclipe: "Cabide" faixa do álbum "Em Samba!", de Mart'nália (2014). Em: <[https://youtu.be/IljXpnhCcw?si=HdHFwKEMitSNVg\\_9](https://youtu.be/IljXpnhCcw?si=HdHFwKEMitSNVg_9)> Acesso em: 25/03/2024.

<sup>6</sup> Videoclipe: LUDMILLA - Maldivas - Numanice #2 (2022) Em: <<https://youtu.be/VsIp4-vnqlw?si=-0tdZk3dwPDTtvAG>> Acesso em: 25/03/2024.

## Metodologia

Adota-se um percurso metodológico em dois momentos: um primeiro, a partir de uma metodologia de análise midiática do videoclipe (Soares, 2013) que parte da investigação da canção para definição de hipóteses em torno das dinâmicas discursivas que envolvem os processos de midiaticização. Então, recorre-se ao levantamento de informações sobre as canções *Essa Tal Criatura*, *Cabide* e *Maldivas* buscando: a) os contextos de composição, gravação e lançamento das faixas; b) como as próprias artistas “explicam” as faixas, quais intenções de criação artística; c) como a crítica especializada enquadra a faixa do ponto de vista performático; d) que debates sonoros e estéticos são possíveis fazer a partir da própria canção.

Após este levantamento genealógico da canção pop, parte-se para o processo de compreensão dos videoclipes como formas de dramatização da canção. Adota-se o princípio de que videoclipes são uma extensão artística, comercial e de performance midiática ao qual a *persona* do artista se expressa alimentado por artifícios sonoros, corporais, comportamentais, visuais e de estilo.

[...] a performance define um processo de produção de sentido e, conseqüentemente, de comunicação, que pressupõe regras formais e ritualizações partilhadas por produtores, músicos e audiência, direcionando certas experiências diante dos diversos gêneros musicais da cultura contemporânea. É preciso destacar que, sendo registrada em suporte midiático, a canção tem sua performance inscrita: seja nas condições de registro vocal, na dinâmica de audição (que poderá ser galgada na repetição), na organização em torno de álbuns fonográficos, no alcance de circulação e nas configurações que regem o star system da música popular massiva. (JANOTTI; SOARES, 2008, p.102)

Toma-se também a premissa de que os videoclipes a serem analisados se enquadram naquilo que Simone Pereira de Sá (2021) chama de videoclipes pós-MTV, ou seja, objetos que não necessariamente são clipes narrativos como na clássica configuração da MTV, mas também vídeos que envolvem trechos de shows, performances ao vivo em programas gravados na televisão e arquivados em plataformas como o YouTube. Propõe-se então, um segundo gesto metodológico que é a montagem de uma constelação de videoclipes com a finalidade de testar a hipótese da reinvenção

do corpo negro lésbico no contexto audiovisual. A ideia da constelação de videoclipes remonta às metodologias de estudos comparados em audiovisual, em especial, aquelas que se concentram sobre a formação de constelações filmicas (Souto, 2020) e que, de alguma forma, adotam também procedimentos expandidos como gesto metodológico. Para além da materialidade filmica proposta por Mariana Souto, propõe-se agrupar videoclipes com a perspectiva de realizar interpretações relacionais entre os objetos. Parte deste debate metodológico já foi ensaiado (Soares e Almeida, 2023) reconhecendo que se realiza uma escuta expandida da canção em direção ao videoclipe e, então, o estabelecendo de um conjunto de semioses entre os videoclipes. Portanto, monta-se uma constelação com os videoclipes em análise:

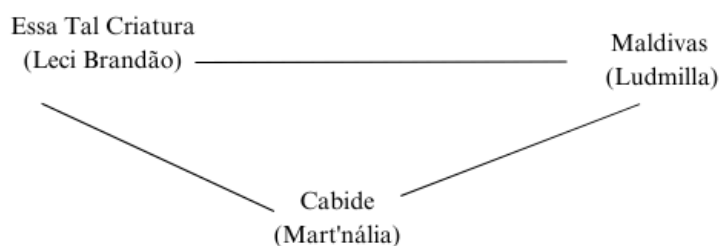


Figura 1– Constelação elaborada pelos autores

## Fundamentação teórica

Ao debater a representação lésbica preta, o debate sobre identidade interseccionada vem à tona, não apenas a orientação sexual, mas também de raça e gênero. Neste ponto as ideias de bell hooks<sup>7</sup> (2021) e Patricia Hill Collins (2019) se cruzam, uma vez que ambas atribuem padrões de comportamento sociais referentes ao amor preto e a mulheres numa perspectiva histórica. Versando sobre como as relações amorosas para mulheres pretas são assombradas pela escravidão, cercadas por abuso, violências e punição, as autoras trazem discussões no campo do patriarcado racial e afetividade sobre como essas questões têm um impacto significativo em como as

<sup>7</sup> A escritora prefere que seu nome seja escrito em letras minúsculas, bell hooks, pois acredita que sua obra deve se sobressair ao seu nome  
<<https://diretorio.fgv.br/noticia/o-vazio-deixado-pelas-referencias-que-se-vao-ou-perdemos-bell-hooks>>

identidades e experiências afetivas das mulheres pretas são moldadas a relacionar atos de punição, grosseria e agressão a cuidados.

Trazendo para o contexto brasileiro, o samba, uma expressão musical brasileira enraizada na cultura negra e de terreiro, reflete a herança preta em suas raízes. Surgido no século XX, suas letras abordam os dilemas cotidianos e as relações afetivas dos interlocutores, muitas vezes normalizando brigas como forma de afeto e destacando o choro como uma reação vulnerável. Essas narrativas ecoam as discussões de bell hooks sobre as complexidades das relações afetivas na vida das mulheres negras, e discute sobre quais possibilidades de amor são possíveis.

Dessa forma, se amar é uma escolha, a existência lésbica e a escolha das cantoras em amar outra mulher podem ser vistas não só como um ato de coragem em viver e expressar seus desejos, mas também de resistência e rejeição à heterossexualidade de modo compulsório, negando o direito masculino sobre seus corpos e vontades.

## **Resultados**

A análise midiática dos videocliques diante de uma escuta expandida das canções faz emergir a voz das mulheres negras e lésbicas no contexto midiático. Dentro dos Estudos de Performance, indaga-se que negociações foram permitidas para que o corpo de uma mulher lésbica negra pudesse aparecer no contexto midiático. Neste caso, remonta-se para a trajetória de Leci Brandão e sua elaboração sobre a condição lésbica que aparece em entrevistas mas não de maneira aberta e declarada em suas canções. Percebe-se a vinculação de Leci Brandão com o campo do ativismo LGBT mais politicamente organizado (ela viraria deputada) em função de suas declarações no jornal O Lampião. Sobre Mart'nália, a dimensão discursiva em torno da faixa *Cabide* e sobre sua experiência como mulher lésbica coloca em relevo negociações com padrões de masculinidade tóxica que são tensionados pela alegria e leveza de sua performance em cena. Sobre Ludmilla, a aproximação com o funk insere a cantora num entrelugar de um corpo que é sexualizado (a partir do recorte com o funk) mas também romântico - a partir da midiatização de seu relacionamento com a dançarina Brunna Gonçalves.

A constelação de videocliques apresenta a reinvenção do corpo lésbico negro de forma não uniforme e tampouco “evolucionista”. Há muitos paradoxos ainda presentes no contemporâneo: se observamos *Maldivas*, um clipe que parte de uma canção em que as protagonistas vivem uma história de amor numa ilha paradisíaca, aparecem traços do amor romântico entre mulheres pretas e lésbicas mas também a satisfação de um olhar voyeurístico sobre o corpo feminino tão criticado na espetatorialidade patriarcal. Colocando em perspectiva *Maldivas* e *Essa Tal Criatura*, a figura de Leci Brandão cantando num programa de auditório pode significar tanto a negociação de um corpo negro e sambista nos ditames da televisão quanto a dificuldade de encontrar clipes da artista no YouTube - o que demonstra o apagamento de corpos lésbicos negros. Mart’Nália no clipe *Cabide* parece trazer o humor e a malandragem como traços performáticos do corpo lésbico em ambientes audiovisuais, negociando com uma expectativa clichê porém que não desapareceu das mídias.

## REFERÊNCIAS

- hooks, bell. **Tudo sobre o amor : novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo editorial, 2019.
- JÚNIOR, Jeder Janotti; SOARES, Thiago. O videoclipe como extensão da canção: apontamentos para análise. *Galáxia*, n. 15, p. 91-108, 2008.
- PEREIRA DE SÁ, Simone. **Música pop-periférica brasileira: videocliques, performances e tretas na cultura digital**. Editora Appris, 2021.
- SOARES, Thiago; ALMEIDA, Gabriela Machado Ramos. A máquina do gênero na cultura pop. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 6, n. 21, p. 17-43, 2023.
- SOARES, Thiago. **A Estética do videoclipe**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- SOUTO, Mariana. Constelações filmicas: um método comparatista no cinema. In: *Galáxia*, São Paulo, n. 45, set-dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/44673>. Acesso em: 13 de março de 2024.
- TROTTA, Felipe Costa. Juízos de valor e o valor dos juízos: estratégias de valorização na prática do samba. *Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica*, n. 13, p. 115-127, 2007.